

meSalva!



LITERATURA E SOCIEDADE



MESOPOTÂMIA
ASPECTOS CULTURAIS

AFIXOS

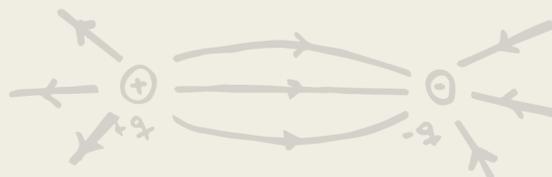
CONTROLADO

MENTE

SUFIXO

SINAL DE
REGIÃO

CAFETERIA



MÓDULOS CONTEMPLADOS

- ✓ DADA - Manifesto Dada
- ✓ SURL - Manifesto Surrealista
- ✓ ANTP - Manifesto Antropofágico
- ✓ PCRT - Manifesto da Poesia Concreta
- ✓ PMAR - Manifesto da Poesia Marginal



meSalva!

CURSO

DISCIPLINA

CAPÍTULO

PROFESSORES



EXTENSIVO 2017

LITERATURA

LITERATURA E SOCIEDADE

TIAGO MARTINS E TAMARA SANTOS



LITERATURA E SOCIEDADE

MANIFESTOS ARTÍSTICOS: REVOLTAS CONTRA UMA CONCEPÇÃO RESTRITA DE ARTE



Vocês sabem o que é um manifesto?

Certamente essa palavra não é incomum entre vocês, estudantes, que já devem ter ouvido falar não só do Manifesto do Partido Comunista, de Karl Marx e Friedrich Engels, de 1848, como, talvez, conheçam os manifestos artísticos que se tornaram bastante populares no início do século XX, como o Manifesto Dadaísta e o Manifesto Antropofágico.

Geralmente, nas escolas, somos expostos aos Manifestos Artísticos do Século XX de uma maneira pouco reflexiva ou de um modo que reduz a compreensão desses textos-movimentos a um conjunto de características a serem memorizadas, o que acaba tornando o conhecimento deste período da história da arte e destes documentos bastante chato.

No entanto, conhecer um pouco mais a fundo sobre esses textos pode ser bem interessante se vocês gostam de um pouco de **desobediência**, de um pouco de **questionamento das normas** e de um pouco de **criatividade**. Isso porque os manifestos artísticos do século XX questionaram o que era arte e modificaram a forma com que as pessoas entendiam o que um artista podia fazer.

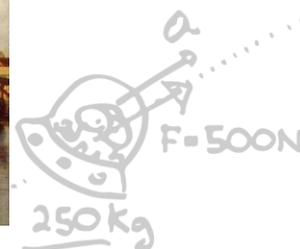
Imagine que você é um/a pintor/a ou um/a poeta/a e que, ao pintar um quadro ou escrever um poema, você precise seguir algumas normas um pouco restritas de criação, do contrário, sua arte não seria aceita ou não seria bem vista. Essas normas tolhem a sua liberdade, mas você sente que seu quadro ou o seu poema tem realmente mais vida da forma como você o concebeu. O que você faz? Se sujeita às regras ou as desobedece?

Se pensarmos que obras da literatura, da música ou da pintura, que hoje são consideradas importantes, foram originais justamente porque se desviaram das normas, então pode ser que o **desvio** seja realmente a melhor rota a pegar quando falamos de arte.

O que os manifestos artísticos têm a ver com tudo isso? Bom, grande parte desses textos foram atos de revolta contra o que, na época, era considerado como belas-artes ou como “obra de arte”, criações feitas para serem admiradas pelo público e julgadas pelos críticos de acordo com padrões estéticos de beleza. **De forma geral, graças a esses manifestos e as contínuas rupturas artísticas, o século XX se mostrou como um grande divisor de águas, no sentido de modificar a compreensão daquilo que chamamos de arte.**

Já no século XIX, suaves modificações começaram a ocorrer abrindo caminho para o século seguinte: O movimento Impressionista, por exemplo, já começa a alterar as concepções sobre espaço e percepção.

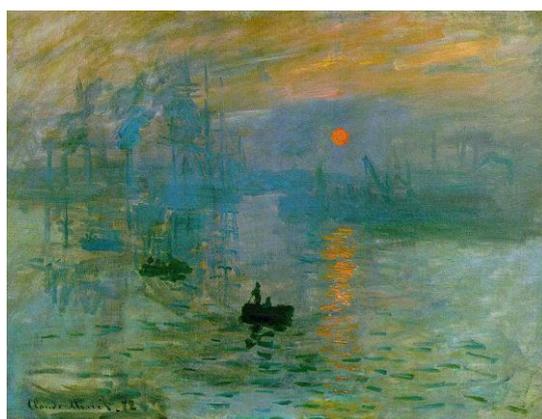
Para vocês entenderem do que estamos falando, vamos fazer um paralelo entre duas pinturas que retratam paisagens.



A VISTA DE DELFT (J. VERMEER, 1660)

Esta pintura pertence ao pintor holandês Johannes Vermeer. Brevemente, sem grandes análises, podemos dizer do realismo da obra que, em alguns pontos, pode até ser confundida com uma fotografia.

Imagine que o seu olhar e o olhar de gerações inteiras de apreciadores de arte estão acostumados com essa representação das formas da realidade e, com isso em mente, imagine a reação geral ao, em oposição, se deparar com uma paisagem retratada desta maneira:



IMPRESSÃO: NASCER DO SOL (CLAUDE MONET, 1871)

Impressão, nascer do sol de, Claude Monet, “deturpa” suavemente a concepção de realismo e objetividade dentro da arte e vai abrindo espaço para outros desvios, para outras

formas de se pensar a representação das maneiras sob as quais podemos ver o mundo. Muitos artistas que começaram a se desviar da tradicional objetividade e realismo foram criticados a partir de um velho paradigma que precisava ser questionado não sem algum exagero ou violência, considerando a rejeição que as inovações artísticas sofriam. Daí, em linhas gerais, o surgimento dos Manifestos Artísticos do Século XX.



O QUE É UM MANIFESTO?

Segundo o historiador Eric Hobsbawm, os manifestos são um fenômeno típico do século passado. **Manifestos são textos que têm um caráter persuasivo e que se constituem como uma declaração pública de princípios e como um chamado à ação para modificar algo que o grupo de autores percebe como um problema.** O texto de um manifesto é, em geral, dissertativo-argumentativo, esboça a análise de uma situação vista como problemática e traz soluções para esta realidade, soluções que devem ser tomadas em coletivo. Em outras palavras, é um chamado à ação. Pensemos em no final do Manifesto do Partido Comunista quando os autores escrevem: “Trabalhadores do mundo, uni-vos”.

A criação dos manifestos artísticos de início do século XX, como o Manifesto Dadaísta, por exemplo, responde a uma necessidade dos artistas de terem voz nos meios de comunicação que, em geral, julgavam as obras de arte a partir de conceitos que os pintores, poetas, escultores e músicos dos movimentos de vanguarda queriam destruir.

Para Paul Menezes, as artes plásticas do século XX, por exemplo, representavam algo completamente novo e divergente de tudo o que fora feito até então e essas transformações, é claro, foram migrando para outras artes, como a literatura.

MANIFESTO DADAÍSTA

O dadaísmo nasceu em Zurique, na Suíça, durante a Primeira Guerra Mundial. O movimento se estendeu de 1916 a 1922.

A história do surgimento do Dadaísmo é bem legal! Em 1916, um cara chamado Hugo Ball e sua mulher compraram um bar e o transformaram num Cabaré, a que resolveram chamar de Cabaré Voltaire. Nesse bar, se reuniam artistas e intelectuais que, em geral, se opunham fortemente à guerra.

Tristan Tzara - o nome mais famoso do movimento - se juntou a Hugo Ball e assumiu a liderança do grupo.

Podemos pensar o dadaísmo a partir de dois pontos de vista.



Em primeiro lugar, temos um **movimento artístico extremamente radical que fez o possível para questionar as concepções de arte até então disseminadas**. O dadaísmo era subversivo e destrutivo. Anárquico e debochado, o movimento era contra a racionalidade e não aceitava autoridades ou verdades. A palavra de ordem era destruição. Não deixar pedra sobre pedra.

Em segundo lugar, o dadaísmo tinha um viés político nem sempre comentado. Era absolutamente contra a guerra e quase todo o seu projeto como grupo relacionava-se em se opor ao primeiro grande conflito mundial. A perspectiva dos dadaístas era: Como entender ou aceitar uma civilização que, desde o Iluminismo, vinha prometendo tanto progresso para as pessoas e que nos trazia a uma horrível catástrofe?

O dadaísmo condenava a arte, mas, no entanto, fazia arte! A arte Dadá. A propostas desse grupo, aquilo que eles projetavam em seus manifestos era a construção de uma nova concepção de arte na qual arte nada tinha a ver com o belo ou com o feio. **Para os dadaístas, a arte tinha de ter por objetivo principal a originalidade e, para isso, não podia recuar diante de normas e nem se afastar do absurdo**. Ou seja, o manifesto dadaísta conclama a liberdade mais absoluta para os artistas que só poderiam criar livres de regras, modelos e convenções.

Esse movimento de contracultura tinha um viés de deboche à sacralidade das obras de arte, ou seja, da ideia de que as obras artísticas estariam acima do bem e do mal.

Marcel Duchamp, um dos nomes mais importantes do movimento, para debochar de uma burguesia que acreditava que certas obras eram superiores - concepção elitista e hierárquica que irritava os artistas dada - subverteu umas das obras mais famosas da história da arte.



L.H.O.O.Q. (MARCEL DUCHAMP - 1919) AS LETRAS L.H.O.O.Q. PRONUNCIADAS JUNTAS, EM FRANCÊS, GERAM A FRASE "ELA TEM CALOR NO CU".

MANIFESTOS DADA

O primeiro manifesto do movimento é de autoria de Hugo Ball e data de julho de 1916.



Trecho:

“Dada é uma nova tendência da arte. Percebe-se que o é porque, sendo até agora desconhecido, amanhã toda a Zurique vai falar dele. Dada vem do dicionário. É bestialmente simples. Em francês quer dizer “cavalo de pau”. Em alemão: “Não me chateies, faz favor, adeus, até à próxima!”. Em Romeno: “Certamente, claro, tem toda a razão, assim é. Sim, senhor, realmente. Já tratamos disso”. E assim por diante.

Uma palavra internacional. Apenas uma palavra e uma palavra como movimento. É simplesmente bestial. Ao fazer dela uma tendência da arte é claro que vamos arranjar complicações”.

Um dos manifestos mais famosos, no entanto, é o texto de Tristan Tzara, divulgado em 1918.

Trecho:

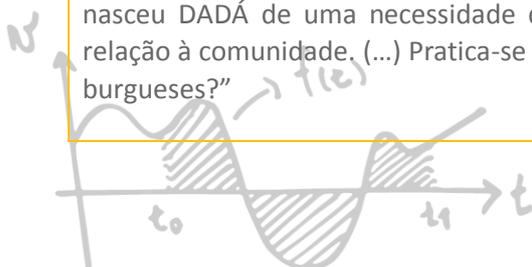
“Para lançar um manifesto é preciso querer: A.B.C, fulminar contra 1, 2, 3, se enervar e aguçar suas asas para conquistar e difundir pequenas e grandes a,b, c.

(...)

Dadá não significa nada.

(...)

A obra de arte não deve ser a beleza em si mesma, porque ela está morta; nem alegre nem triste, nem clara nem escura (...). Uma obra de arte jamais é bela, por decreto, objetivamente, para todos. A crítica é portanto inútil, ela só existe subjetivamente, para cada um, e sem o menor caráter de generalidade. Assim nasceu DADÁ de uma necessidade de independência, de uma desconfiança em relação à comunidade. (...) Pratica-se a arte para ganhar dinheiro e adular os gentis burgueses?”



MANIFESTO SURREALISTA

O Manifesto Surrealista é um texto de autoria do escritor francês André Breton. Publicado em 1924, dialoga com o mesmo objetivo do manifesto dadaísta de romper com paradigmas convencionais sobre o que é arte e, especialmente, neste caso, sobre as formas como se produz arte.

Vocês, estudantes, certamente já se depararam com algum bloqueio, dificuldade ou preguiça na hora de escrever uma redação ou um trabalho escolar. Ou, ainda, talvez vocês escrevam músicas ou poemas ou narrativas e sabem que nem sempre é fácil criar. Agora, imaginem que diante de uma folha em branco vocês simplesmente “soltem à mão” e comecem a escrever tudo o que vier à mente, sem parar. Imagine que vocês comecem simplesmente a reproduzir os pensamentos não se importando se eles farão sentido, se eles serão coerentes ou se haverá alguma relação entre eles.

Pois bem, se vocês fizessem isso, estariam se utilizando do chamado método da “Escrita Automática”, descoberto, por assim dizer, por André Breton em 1919 e que é uma das bases do movimento surrealista ou uma das bases de os artistas surrealistas construir suas obras.

Trecho:

“Certa noite, então, antes de adormecer, percebi, nitidamente articulada, a ponto de ser impossível mudar-lhe uma palavra [...], frase que me parecia insistente, frase, se posso ousar, que batia na vidraça”. (André Breton, primeiro *Manifesto do Surrealismo*)

Breton começou a observar que quando estava em plena solidão ou quando estava meio dormindo, frases lhe vinham à mente e ele não sabia exatamente como ou de onde. Há um homem cortado em dois na janela, por exemplo, é uma dessas estranhas frases. A partir de então, o autor passou a anotar essas sentenças e a ficar impressionado com o fato de que nós, na verdade, não temos controle sobre nossos pensamentos.

Daí surge uma lógica de trabalho nunca antes vista na literatura. Breton passa a escrever os próprios pensamentos sem nenhuma inibição, sem nenhum cerceamento. Por mais veloz que fossem, acreditava o autor, eles podiam ser registrados.

Breton afirmava que o repertório de imagens que ele havia criado com essa escrita automática não poderia ser produzido com uma escrita calculada, que obedecesse às regras convencionais do uso da língua.

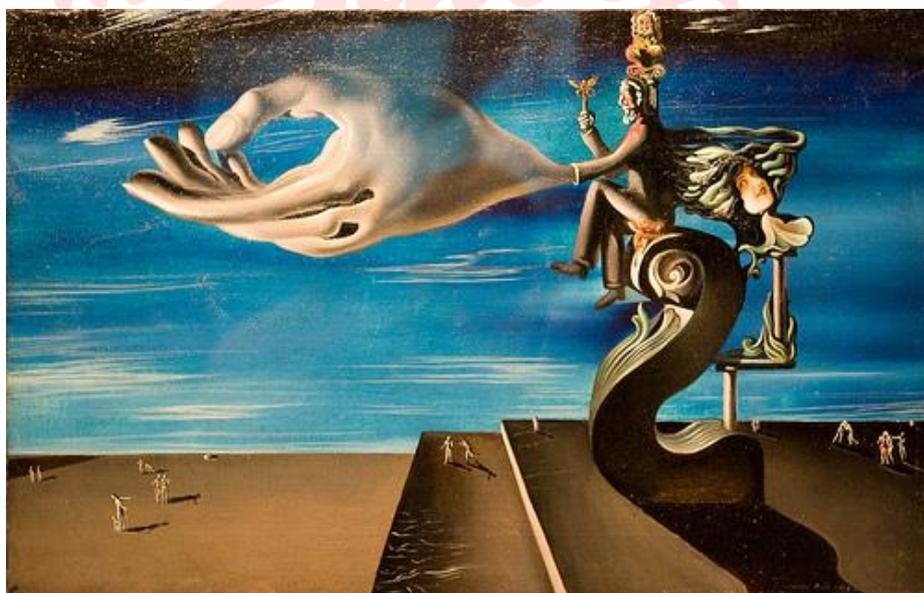
Dessa forma, aqueles que adotavam o método de escrita automática acabavam entrando em um profundo universo de autoconhecimento e observação da própria mente. Ou seja, a escrita surrealista tinha por objetivo a chegada ao próprio inconsciente do artista. Isso se acontece também com outro famoso método adotado pelos surrealistas que era o de escrever/descrever os próprios sonhos.

No Manifesto, como podemos ler no trecho abaixo, há uma grande exaltação da imaginação e um estímulo ao desrespeito às regras e às normas.

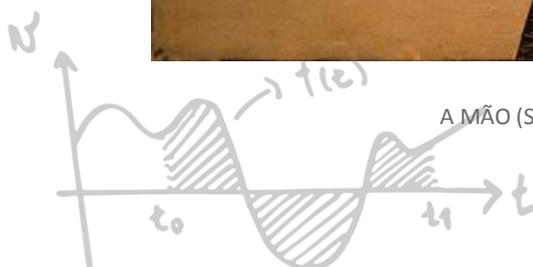
Trecho:

“Entre tantos infortúnios por nós herdados, deve-se admitir que a maior liberdade de espírito nos foi concedida. Devemos cuidar de não fazer mau uso dela. Reduzir a imaginação à servidão, fosse mesmo o caso de ganhar o que vulgarmente se chama a felicidade, é rejeitar o que haja, no fundo de si, de suprema justiça. Só a imaginação me dá contas do que pode ser, e é bastante para suspender por um instante a interdição terrível”. (Breton, *Manifesto Surrealista*)

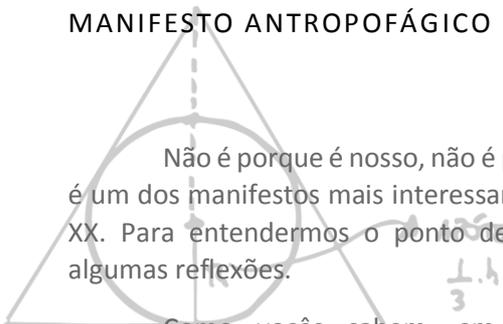
Nas artes plásticas, um dos nomes de maior destaque dentro do movimento surrealista foi Salvador Dalí, artista catalão que trazia para suas obras o universo fantástico e surreal dos sonhos.



A MÃO (SALVADOR DALÍ, 1930)



MANIFESTO ANTROPOFÁGICO



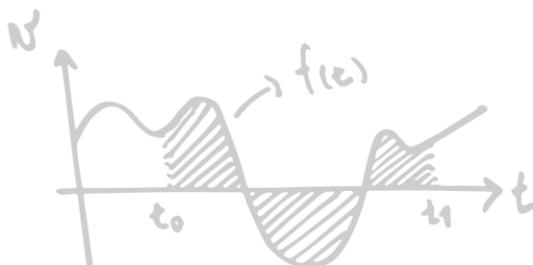
Não é porque é nosso, não é porque é brasileiro, mas o Manifesto Antropofágico é um dos manifestos mais interessantes dentre as publicações desse gênero do século XX. Para entendermos o ponto de vista desse texto, precisamos, antes, construir algumas reflexões.

Como vocês sabem, em 1922, ocorre a Semana de Arte Moderna. Estrategicamente alocado no aniversário de cem anos da Independência do Brasil, o evento trazia um intrigante questionamento: **cem anos depois da independência política do país, nós temos uma independência cultural?**

A arte e a literatura brasileiras sempre olharam demasiadamente para um paradigma europeu. Os nossos artistas olhavam para a Europa buscando modelos para imitar. Os escritores do Romantismo, por exemplo, vão imitar os escritores do romantismo europeu. É claro, temos exceções, mas até os anos 1920 havia uma forte dependência da cultura externa, que era, em suma, a cultura do colonizador. Os agitadores culturais da Semana de Arte Moderna passaram a questionar sobre a nossa independência cultural e sobre a tendência das elites brasileiras de se europeizar para demonstrar superioridade. Quando os artistas iriam produzir uma arte que fosse tipicamente brasileira? Quando nós iríamos exportar arte ao invés de apenas importar?

Esse questionamento é o ponto de partida do Modernismo Brasileiro e tem muito a ver com o *Manifesto Antropofágico*. A história desse manifesto começa quando a artista brasileira Tarsila do Amaral produz uma das obras mais famosas da nossa arte, *Abaporu*, datada de 1928.

Tarsila, na época, era casada com Oswald de Andrade e deu o quadro, sem nome, de presente para o marido. Impressionado com a figura que Tarsila havia criado, Oswald convocou o poeta Raul Bopp e ambos, consultando um dicionário de Tupi, nomearam o quadro de *Abaporu*, que significa homem que come. Importante destacar que a palavra *Aba* não se referem ao homem europeu, ao homem dito civilizado, e sim ao indígena.





ABAPORU, TARSILA DO AMARAL (1928)

A partir dessa pintura surge um movimento, surge um manifesto, o *Manifesto Antropofágico*. Tanto o manifesto quanto o movimento que se originou a partir dele referem-se à questão da antropofagia, tradição indígena de comer, literalmente, o inimigo para, segundo a crença que fundamenta esse hábito, assimilar suas qualidades.

Publicado em maio de 1928 na edição de estreia da Revista de Antropofagia, o manifesto traz a ideia de que não sejamos papagaios, repetidores da arte e da cultura dos outros. Oswald propõe uma leitura crítica daquilo que é importado. Para construir uma cultura, uma arte e uma literatura verdadeiramente nacionais não precisamos negar o alheio, mas, por outro lado, não precisamos copiá-lo. O que o movimento antropofágico propunha era que os artistas importassem aquilo que achassem interessante da cultura alheia, ou seja, que “comessem”, por assim dizer, pratos de outras culturas e que misturado ao suco gástrico nacional criassem algo que fosse próprio, que fosse nacional. Como os índios, o que os artistas deveriam fazer era assimilar as qualidades de outrem, sem perder de vista a própria identidade.

A palavra apropriação faz muito sentido dentro da ideia do movimento antropofágico. Quando nos apropriamos de algo, tornamos esse algo nosso, parte de nós, ou seja, há uma mistura entre o interno e o externo, e não uma mera cópia. E toda a criação artística não seria assim? Afinal, não criamos a partir do nada. Sempre criamos a partir de alguma outra coisa. Dessa forma, o povo brasileiro criaria uma arte genuinamente nacional.

Uma brincadeira feita logo no início do Manifesto Antropofágico dá conta dessas ideias: *Tupi, or not tupi, that is the question*. A frase, bem como o manifesto em si, são uma ironia de Oswald de Andrade à subserviência das elites brasileiras da época à



cultura europeia ou ao mundo europeu de forma geral. E, é importante lembrar, que a arte predominante na época da Semana de Arte Moderna, o Parnasianismo, era feita pelas elites.

Trecho:

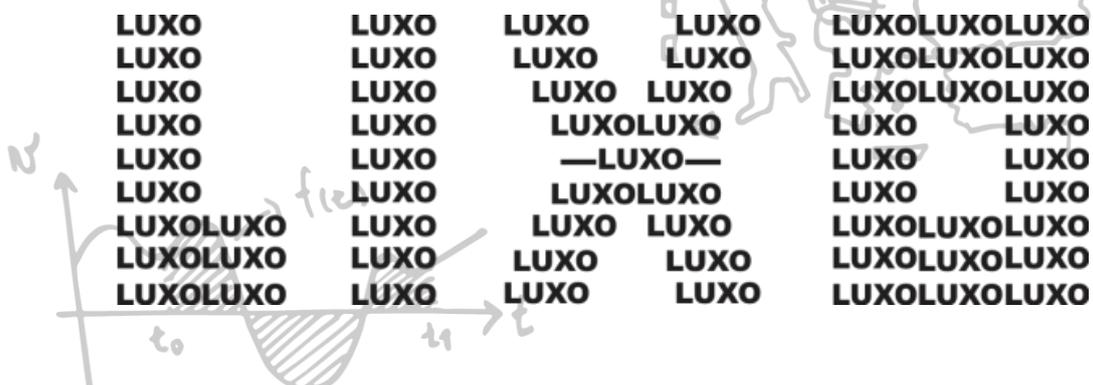
“Contra todos os importadores de consciência enlatada. A experiência palpável da vida. Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem. A idade de ouro anunciada pela América. A idade de ouro. E todas as girls”. (Oswald de Andrade, Manifesto Antropofágico)

MANIFESTO DA POESIA CONCRETA

O movimento da poesia concreta foi um divisor de águas dentro do contexto da poesia brasileira. Questionou o que ainda não havia sido questionado, pensou o que ainda não havia sido pensado.

Pensem, por exemplo, nessas palavras que vocês estão lendo. Traços negros (ou vermelhos) posicionados de uma determinada forma nesta página em branco. Ao ler, vocês já pensaram sobre isso? Sobre o porquê de as palavras estarem assim justificadas, alinhadas na maior parte dos textos que lemos? Qual o papel do espaço em branco que abriga estas palavras que vocês estão lendo? Sim, são convenções! Mas por que respeitamos essas convenções?

A Poesia Concreta começou a olhar para a maneira como as palavras são escritas, posicionadas na folha e começou a brincar com elas ou subvertê-las. O poema concreto não pensa nas palavras somente da forma tradicional, ela as usa como imagens, como desenhos, como mensagens.



Num dos poemas mais famosos dos concretistas, temos essa brincadeira. Lixo escrito com luxo. Qual seria a relação entre luxo e lixo é o que o texto de Augusto de Campos acima faz com que nos perguntemos.

A poesia concreta é uma poesia de vanguarda, ou seja, à época que foi produzida estava bastante à frente de seu tempo. Se hoje é comum vermos textos literários que brincam com o espaço em branco da página, que misturam literatura e artes visuais isso se dá naturalmente graças a primeira ruptura feita pelas Concretistas na década de 1950.

A poesia concreta é assim chamada devido ao seu caráter visual que não ignora o suporte (espaço da folha, posição das palavras) com o qual os textos são escritos e elimina o verso, usando o espaço em branco da página para dispor as palavras de maneiras bastante incomuns até então. Uma poesia que é verbal - porque não abre mão das palavras para comunicar - e que é, também, visual. Esse tipo de poesia surgiu no Brasil tendo sido nomeada pelo poeta Augusto de Campos em 1955 em uma revista chamada Noigrandes. A poesia concreta se dá a ver oficialmente a partir de 1956 na Exposição Nacional de Arte Concreta que aconteceu no Museu de Arte Moderna de São Paulo.

O primeiro manifesto que vai lançar as bases do movimento concretista é o “Plano-Piloto para Poesia Concreta”, publicado em 1958 e escrito pelos poetas Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari, que já se constituíam como um grupo desde 1952.

No Plano-Piloto, os autores definem o espaço como um agente importante no qual a poesia pode ser feita. As palavras saem de suas linhas, de suas margens, de suas prisões. O espaço passa a ser matéria de poesia.

Trecho do Plano-Piloto para Poesia Concreta:

“poesia concreta: produto de uma evolução crítica de formas dando por encerrado o ciclo histórico do verso (unidade rítmico-formal), a poesia concreta começa por tomar conhecimento do espaço gráfico como agente estrutura. espaço qualificado: estrutura espaço-temporal, em vez de desenvolvimento meramente temporístico-linear, daí a importância da ideia de ideograma, desde o seu sentido geral de sintaxe espacial ou visual”.



Trecho de Nova poesia: concreta (manifesto) por Décio Pignatari:

a palavra tem uma dimensão GRÁFICO-ESPACIAL

uma dimensão ACÚSTICO-ORAL

uma dimensão CONTEUDÍSTICA

[...]

o POEMA CONCRETO aspira a ser: composição de elementos básicos da linguagem, organizados ótico-acusticamente no espaço gráfico por fatores de proximidade e semelhança, como uma espécie de ideograma para uma dada emoção, visando à apresentação direta - presentificação do objeto.

[...]

a POESIA CONCRETA é a linguagem adequada à mente criativa contemporânea permite a comunicação em seu grau + rápido.

Observem a disposição das palavras, as palavras em caixa-alta. Foi dessa maneira que Décio Pignatari escreveu seu texto, colocando em prática a ideia da dimensão gráfico-espacial das palavras em prática.

MANIFESTO DA LITERATURA MARGINAL

“A capoeira não vem mais, agora reagimos com a palavra, porque pouca coisa mudou, principalmente para nós. Não somos movimento, não somos os novos, não somos nada, nem pobres, porque pobre segundo os poetas da rua, é quem não tem as coisas.

Cala a boca, negro e pobre aqui não tem vez! Cala a boca!

Cala a boca uma porra, agora a gente fala, agora a gente canta, e na moral agora a gente escreve.

Quem inventou o barato não separou entre literatura boa/feita com caneta de ouro e literatura ruim/escrita com carvão, a regra é só uma, mostrar as caras. Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto”.

Terrorismo Literário (Ferréz) In: Literatura Marginal: Talentos da Escrita Periférica

Vocês, talvez, já devem estar familiarizados com a palavra marginal usada com o sentido de se referir àquelas pessoas que não estão no centro de uma história, que não se enquadram em um padrão estabelecido, que são minorias ou que são discriminadas de alguma forma. Falar sobre pessoas ou grupos que são marginais significa falar sobre indivíduos não integrados. Não integrados porque não recebem atenção da sociedade, porque não têm direitos iguais ou porque não querem, como ato político, se integrar a um padrão, a chamada *contracultura*. O movimento hippie, por exemplo, foi um movimento marginal, pois se colocou fora do sujeito norte-americano padrão. Se o homem padrão daquela cultura tinha o rosto liso e barbeado, o hippie teria sua barba grande. Se o homem padrão daquela cultura vestia-se com roupas sociais, o hippie vestiria-se de outra forma. Se o homem padrão daquela cultura optava pelo casamento monogâmico, o hippie optava pelo amor livre. Dessa forma, foi um movimento marginal.

No entanto, também podemos usar a mesma palavra para quem não tem direitos ou para quem não tem oportunidades de ter uma vida digna devido a uma estrutura social injusta.

Na esfera da arte, marginal significa apenas uma qualificação para o trabalho de artistas que são independentes de grandes editoras ou gravadoras, ou que tem um projeto estético que se opõem ao que está sendo feito no momento ou que se colocam fora dos esquemas comerciais de consumo.

Porém, nós precisamos observar o caso de artistas que são postos à margem ou que são esquecidos por uma série de fatores. Dentro dos principais manuais de Literatura Brasileira, por exemplo, temos apenas duas escritoras mulheres que são consideradas e dois ou três autores negros. No entanto, dentro da história de nossa literatura, temos bem mais escritoras e bem mais autores negros do que o cânone de nossa literatura mostra. Ou seja, temos obras e artistas postos à margem da sociedade. Suas obras não são reconhecidas como arte!

É contra essa invisibilidade que surge, no século XXI, o movimento da Literatura Marginal. Apesar de os manifestos serem algo mais comum ao século XX, esse manifesto contemporâneo nos mostra como os movimentos criados pelos modernistas europeus e brasileiros para questionar o que era considerado arte foram importantes, abriram e abrem portas até hoje.

E O QUE É A LITERATURA MARGINAL?

A literatura marginal - e aqui não se trata da Geração Mimeógrafo dos anos 80 - é um movimento que tem se intensificado cada vez mais. A característica central dessa literatura, para sermos didáticos, é ser escrita por autores/as que trazem para seus textos temáticas vivenciadas por eles, que se constituem como indivíduos que estão às margens da sociedade.

Esses autores e autoras trazem em suas obras, por exemplo, a realidade da mulher negra e pobre que sofre de racismo e de violência, trazem a realidade dos jovens que vivem nas periferias em meio ao tráfico, o crime, a truculência da polícia e a invisibilidade social. Trazem, em sua literatura, enfim, suas experiências de vida e encontram bastante dificuldade de serem aceitos dentro da Literatura Nacional e dentro do restrito mercado editorial. Os motivos que levam a essa falta de entrada no centro do que é considerado como Literatura nos faz refletir sobre os preconceitos que pairam em nossa sociedade.

Assim como os Modernistas, que tanto em seus manifestos como em suas produções poéticas, eram bastante violentos para desconstruir paradigmas e chocar a sociedade, os autores da literatura marginal também se utilizam, em sua escrita, do elemento da raiva, da violência e do choque.

Como podemos observar no início do texto de Ferréz, *Terrorismo Literário*, temos a violência estética reproduzindo a violência que encontramos na sociedade. Cala a boca, negro e pobre aqui não tem vez! Cala a boca!

Podemos observar no trecho também a perspectiva de que os marginalizados pela sociedade precisam narrar suas próprias histórias. Observem o trecho: mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto.

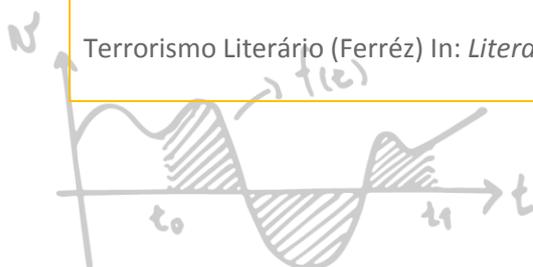
Ou seja, percebemos uma forte relação entre Literatura e Sociedade, uma vez que os autores estão usando a arte para retratar problemas que nos afetam como comunidade e retratando-os, denunciando-os, tirando esses problemas da invisibilidade, é que poderemos resolvê-los.

Ferréz, o autor do manifesto, é o nome artístico de Reginaldo Ferreira da Silva. Paulista, nascido em 1975, ele é autor de romances, contos e poesias.

Capão Pecado, de 2001, e *Deus foi Almoçar*, de 2011, são os seus romances mais potentes.

“Literatura de rua com sentido sim, com um princípio sim, e com um ideal sim, trazer melhoras para o povo que constrói esse país mas não recebe sua parte. O jogo é objetivo, compre, ostente, e tenha minutos de felicidade, seja igual ao melhor, use o que ele usa. Mas nós não precisamos disso, isso traz morte, dor, cadeia, mães sem filhos, lágrimas demais no rio de sangue da periferia”.

Terrorismo Literário (Ferréz) In: *Literatura Marginal: Talentos da Escrita Periférica*



O que observamos no Manifesto da Literatura Marginal é o desejo de construir uma literatura que identifica as desigualdades sociais, é a realidade de trazer para dentro da literatura a linguagem da periferia, diferente da linguagem culta, e através dessa linguagem retratar uma realidade marginal. O que observamos no Manifesto da Literatura Marginal é a acusação de que o próprio sistema literário culto e mais acessível às classes médias graduadas não deixa essa literatura entrar. Os autores que estão às margens e buscam espaço e buscam gritar porque não são ouvidos tem o desejo de tentar melhorar a realidade daqueles que estão às margens através da arte.

“Estamos na rua, loco, estamos na favela, no campo, no bar, nos viadutos, e somos marginais mas antes somos literatura, e isso vocês podem negar, podem fechar os olhos, virarem as costas, mas, como já disse, continuaremos aqui, assim como o muro social invisível que divide esse país”.

Terrorismo Literário (Ferréz) In: *Literatura Marginal: Talentos da Escrita Periférica*

UMA CONCLUSÃO

Podemos observar, então, que em todos os manifestos artísticos que estudamos temos um posicionamento contra a ordem estabelecida do **que é arte**, de **como se faz arte** e de quem pode falar através da arte. Fica claro, nos manifestos que, ao longo da história da arte e da literatura, temos hierarquia e exclusão e esses manifestos se colocam contra isso, querendo incluir, libertar, desviar-se da rota, enfim, criar. Criação é liberdade, é movimento, é uma eterna caminhada em direção ao porvir.

